

Yoshua Okón nasceu na Cidade do México em 1970, onde vive e trabalha, alternadamente com Los Angeles, EUA. É mestre em Artes pela UCLA, Los Angeles/EUA (2002), e bacharel em Belas Artes pela Concordia University, Montreal/Canadá. Em 1994, fundou a *La Panaderia*, espaço coordenado por artistas na Cidade do México. Expôs individualmente no México, na Itália, na Alemanha, nos EUA, em Israel e na Suíça. Também participou da Bienal do Mercosul (Porto Alegre, Brasil), Bienal de Istambul, Trienal del ICP (Nova York, EUA), Bienal da Califórnia, e Torino Triennale (Turim, Itália).

Risas enlatadas apresenta o cenário de uma *maquiladora* típica das cidades do norte do México, tal como as de Ciudad Juárez, onde essas empresas contratam mão de obra barata, especialmente mulheres, para a manipulação de produtos para exportação, geralmente para os Estados Unidos. Sabemos que em Ciudad Juárez existe um grande número de *maquiladoras* e um número elevadíssimo de assassinatos de mulheres. Apesar das denúncias já realizadas, inclusive pela Comissão Mexicana de Defesa e Promoção dos Direitos Humanos, continua a impunidade. Resgatando a história dos habitantes de Ciudad Juárez, você cria um projeto que questiona uma situação real do contexto da cidade. Qual é exatamente a motivação desse trabalho?

Em 2007, fui convidado pela curadora Mariana David, como parte do *Projeto Juárez*, para realizar uma residência em Ciudad Juárez com a finalidade de desenvolver uma peça baseada na minha experiência. Ao fim de várias viagens e de alguma investigação, ficou claro para mim como a presença das *maquiladoras* desempenhou um papel fundamental na deterioração do tecido social e, por consequência, nos elevadíssimos níveis de violência e impunidade. Eu me interessei por Ciudad Juárez como exemplo de um dos vários pontos do planeta completamente à margem da legalidade e onde, deliberadamente existem condições perfeitas para a absoluta exploração (escravidão). Cabe mencionar que as *maquiladoras* não são necessariamente norte-americanas, mas, em sua maioria, transnacionais, cujos acionistas e donos pertencem a inúmeros países (inclusive o México e o Brasil). Uma de minhas motivações, então, é apresentar a violência de Ciudad Juárez como parte fundamental do atual sistema econômico global.

O desejo de trabalhar com documentários que transitam entre a realidade e a ficção vem sendo uma das questões que permeiam alguns de seus projetos contemporâneos. Em um de seus trabalhos mais conhecidos, *Orillese a la orilla*, você pede a policiais de Ciudad Juárez que atuem frente à câmara. Em *Risas enlatadas*, você filma dentro de uma *maquiladora* desativada, contratando pessoas desempregadas, que já haviam trabalhado nas fábricas. Como foi o processo de criação desse projeto? Os ex-empregados lhe fizeram declarações? Você recolheu, e de que maneira, os testemunhos dos ex-empregados das *maquiladoras* no seu projeto?

Em *Risas enlatadas*, há uma *maquiladora* que fabrica diferentes risadas para *sitcoms* norte-americanas. Stiegler, filósofo francês, fazendo uma releitura de Adorno e Horkheimer, diz que a diversão é uma das formas de controle do comportamento dos indivíduos utilizada pela indústria. Esse é um trabalho que critica a indústria cultural? Por que você escolheu a risada como produto de exportação nesse projeto?

As *maquiladoras* operam 24 horas por dia e são impenetráveis, uma espécie de cárcere com altas medidas de segurança, muros enormes, às quais as pessoas de fora não têm acesso. Recolhem os trabalhadores com caminhões e os levam para dentro. Uma vez lá ali, eles saem apenas de 12 a 15 horas depois, já que dentro existem restaurantes, creches etc. Após tentar por meses e por diferentes meios, só obtive acesso a uma *maquiladora*, na qual me permitiram dar uma rápida volta, mas não deixaram entrar com a câmera. É por isso que fiz grande parte de minha investigação por meio de entrevistas com ex-trabalhadores de *maquiladoras*. Ao fim dessas entrevistas, escrevi meu roteiro e incorporei os entrevistados como trabalhadores de minha própria *maquiladora* de risadas enlatadas.

Eu não estava interessado em recriar uma *maquiladora* ao pé da letra. Interessa-me muito o momento em que alguém assume que o que vê é real, um documentário, e, ao olhar detidamente, dá conta de que algo está fora do lugar. Esse momento, creio eu, dá uma distância crítica ao espectador. É por isso que era indispensável que o produto de minha *maquiladora* fosse até certo ponto absurdo, mas apresentado de maneira crível. Gostei muito da ideia de justapor a risada aos rostos des-angélicos e aborrecidos que

repetem mecanicamente uma mesma função durante horas: a imagem de rostos que emitem sons de risadas sem rir, a superfície sem fundo, é uma boa analogia da cultura de consumo. Nesse sentido, minha crítica é mais geral, mas definitivamente faz referência à indústria do entretenimento, já que concordo com Stiegler que esta desempenha um papel fundamental no controle do comportamento para fins de consumos, entre outros.

Quais são seus futuros trabalhos?

No momento, estou participando de uma residência no Hammer Museum, de Los Angeles. Estou apenas na etapa de investigação, focalizando a cultura do *pit bull*. Minha intenção é criar uma espécie de balé coreográfico com cachorros. O balé incorpora elementos baseados em rituais associados à ampla tradição de lutas de cachorros. O *pit bull* deixou de ser o cachorro oficial da família norte-americana, sendo substituído pelo *golden retriever*, e passou a ser rejeitado pela cultura oficial, a ponto de ser satanizado e tornado ilegal em vários estados. Sem dúvida, é de longe o cachorro mais popular. A história desse cachorro e a política em torno dele refletem de maneira bastante clara muitas das grandes contradições culturais desse país.